

A carta-prefácio da *Utopia* de Thomas More: breve apresentação, tradução e notas

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo

Resumo

Apresento aqui a tradução da carta-prefácio de Thomas More a Pieter Gillis, certamente o paratexto mais publicado nas edições da *Utopia*, acompanhada de notas e do texto latino. Na tradução, procuro reproduzir as figuras de repetição e as lítotes do original, já que elas encontram-se também e insistentemente ao longo dos livros I e II, imprimindo uma marca particular à prosa de More e à dos demais humanistas.

Palavras-chave

Utopia, Thomas More, Pieter Gillis, carta-prefácio

Ana Cláudia Romano Ribeiro trabalha na graduação e na pós-graduação dos cursos de Letras da Universidade Federal de São Paulo. Doutorou-se em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, com uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp 04/14810-5). É autora da tradução, introdução e notas da utopia francesa *A terra austral conhecida* de Gabriel de Foigny (Editora da Unicamp, 2011) e coedita a revista *Morus – Utopia e Renascimento*. Atualmente está finalizando a revisão de sua edição da *Utopia* de Thomas More, em tradução poética do latim ao português, fruto de seu pós-doutorado realizado na área de Letras Clássicas, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq 150068/2013-1) e pela Fapesp (13/24131-7, 16/10150-8, 16/14677-0).

La lettre-préface de l'*Utopie* de Thomas More: brève présentation, traduction et notes

Ana Cláudia Romano Ribeiro

Universidade Federal de São Paulo

Résumé

Je présente ici la traduction de la lettre-préface de Thomas More à Pieter Gillis, certainement le paratexte le plus publié dans les éditions de l'*Utopie*, accompagnée de notes et du texte latin. Dans la traduction, je cherche à reproduire les figures de répétition et les litotes de l'original, puisqu'elles se retrouvent aussi et souvent tout le long des livres I et II, en imprimant une marque particulière à la prose de More et à celle des autres humanistes.

Mots clefs

Utopie, Thomas More, Pieter Gillis, lettre-préface

Ana Cláudia Romano Ribeiro, professeure dans le cours de Lettres, *graduação* et *master* à l'Universidade Federal de São Paulo, a fait un doctorat en Théorie et Histoire Littéraire à l'Universidade Estadual de Campinas, au Brésil, avec une bourse de la Fondation de Soutien à la Recherche de l'État de São Paulo (Fapesp 04/14810-5). Elle a traduit en portugais *La terre australe connue* (1676), de Gabriel de Foigny, publiée avec une introduction et des notes par la maison d'édition de l'Unicamp en 2011, et coédite la revue *Morus – Utopia e Renascimento*, disponible sur internet à l'adresse www.revistamorus.com.br. Elle est en train de préparer l'édition de sa traduction poétique de l'*Utopie* de Thomas More du latin au portugais, résultat de son post-doctorat dans le domaine de Lettres Classiques à l'Institut d'Études du Langage de l'Unicamp, soutenu par le Conseil National de Développement Scientifique et Technologique (150068/2013-1) et par la Fapesp (13/24131-7, 16/10150-8, 16/14677-0).

A carta-prefácio que Thomas More endereça a Pieter Gillis talvez seja o paratexto mais publicado nas edições da *Utopia*¹. Ela precede o grande diálogo dos livros I e II que trazem, respectivamente, uma discussão sobre o funcionamento das instituições políticas, sociais e econômicas da Inglaterra quinhentista e em seguida e em contraponto, a descrição da paradoxal república utopiana feita por um narrador igualmente paradoxal, Rafael português, um marinheiro-filósofo².

Ela não está datada, mas foi enviada por More a Erasmo, que com Gillis fazia as vezes de editor da *Utopia*, em 3 de setembro de 1516, juntamente com o livro I, o livro II e uma carta, na qual ele escreve: “Envio-te nosso “Nenhum lugar” (*Nusquam*), em nenhum lugar (*nusquam*) bem escrito”³.

Pieter Gillis, secretário-geral de Antuérpia⁴ a partir de 1510, conheceu More em setembro de 1515, quando da missão diplomática e comercial nos Países Baixos referida no começo do livro I da *Utopia*⁵. Ali, More o descreve:

¹ Lembro aqui o título que consta no frontispício da primeira edição (Lovaina, 1516): *Libellus vere aureus nec minus salutaris quam festiuus de optimo reip. statu, deque noua insula Vtopia authore clarissimo viro Thoma Moro inclytæ ciuitatis Londinensis ciue & vicecomite cura M. Petri Aegidii Antuerpiensis, & arte Theodorici Martini Alustensis, Typographi almae Louaniensium Academiae nunc primum acuratissime editus* (“Um livrinho realmente de ouro, não menos salutar que divertido, sobre a melhor forma de república e sobre a nova ilha de Utopia, por Thomas More, autor e homem ilustríssimo, cidadão da ínclita cidade de Londres e xerife, aos cuidados do mestre antuerpiense Pieter Gillis e pelas artes de Dieryck Martens de Alost, tipógrafo da venerável academia de Lovaina, agora acuratissimamente editado pela primeira vez”), reproduzido em More, 1966.

² O caráter paradoxal do narrador é sugerido por seu nome. A etimologia mais recorrente evocada pelos estudiosos da *Utopia* encontra na palavra Hitlodeu as palavras gregas ὑθλος (*hythlos*, que resultará num verbo significando “falar bobagens”) e δάιος (*daios*, “hábil”), o que faz do marinheiro-filósofo um hábil contador de histórias, de lorotas, “que faz brilhar invenções”, segundo Delcourt, em More, 1936, p. 22), “especialista em disparates” e “mercador de disparates” (Camargo e Cipolla em More, 2009), que traduz “nonsense peddler” ou ainda “mensageiro sem noção”, na tradução de Gouvêa Junior de 2017. Porém, *daios* também significa “destruidor, exterminador”, aquele que é hostil a algo, portanto, Hitlodeu seria também alguém hostil às tolices, ou seja, um sábio. Esta brincadeira lexical remete à reflexão que fez Erasmo a respeito do nome de More se assemelhar ao da loucura, *moria* em grego, fazendo, porém uma ressalva: apesar de ter a loucura no nome, More era de fato sábio. Para ele não valeria a fórmula *nomen omen* (“o nome é um presságio”). O mesmo raciocínio levou Guillaume Budé a chamar More de “morosofos”, sábio-louco, e de “*oximorus*”, figura paradoxal que gera unidade de sentido a partir de uma contradição (em carta datada de 9 de setembro de 1518). O primeiro nome de Hitlodeu é igualmente sugestivo: São Rafael era o nome da embarcação de Vasco da Gama que abriu a rota para as Índias em 1498, é o nome do anjo que dá a receita para Tobias curar seu pai da cegueira (*Tobias* 10) e em hebreu, quer dizer “Deus curou”. Ver também Wilson, 1992. Para uma análise do ponto de vista de Hitlodeu, ver Sylvester, 1968. Sobre tema do paradoxo na *Utopia*, ver McCutcheon, 1983; Bore, 2014 e Gilman, 2009.

³ *Opus epist.* 2, ep. 461, p. 339, ll. 1-2. Mantivemos nesta e em notas subsequentes a forma mais corrente de citar a correspondência de Erasmo. Para encontrá-la nas referências bibliográficas, procurar por Allen, 1906-1958.

⁴ Aires Nascimento lembra que é no porto de Antuérpia, “centro das novidades do Novo Mundo”, que chegam especiarias trazidas pelos navios portugueses, que tinham, nesta cidade uma feitoria de onde distribuíam as mercadorias: “A feitoria portuguesa [em Antuérpia] data de 1499 e a ‘nação’ que a compõe tem reconhecimento desde 1511, com casa na rua Kipdorp, posta à disposição do feitor pela cidade; tem um estatuto de favorecimento; o feitor é simultaneamente diplomata e agente econômico” (em Morvs, 2006, p. 373, n. 31).

Enquanto aí me encontrava, visitei com frequência, entre outros (mas nenhum deles a mim mais grato), Pieter Gillis, nascido em Antuérpia, de grande lealdade, que ocupa lugar honrável entre os seus, digno de um lugar ainda mais honrável. De fato não conheço jovem mais douto nem de melhor caráter⁶, pois ele é excelente e instruíssimo, além de ser um espírito cândido para com todos. Aos amigos, tão inteiramente propenso com o coração, o amor, a lealdade, a afeição tão sincera, que dificilmente encontrarias em algum lugar um ou outro que a ele se reputasse comparável em todos os quesitos da amizade. Rara é sua modéstia, de ninguém está mais distante o fingimento⁷, em ninguém a simplicidade habita mais prudentemente⁸. Além disso, sua conversa é tão ágil e tão espirituosa, sem ofender, que, em virtude de sua dulcíssima frequentação e melitíssima conversa, ele aliviou, em grande parte, minha saudade da pátria, do lar, da esposa e dos filhos, por cujo desejo de rever eu, mais do que ansiosamente, era tomado (pois, naquela ocasião já me encontrava longe de casa há mais de quatro meses). (CW4 48/2-11⁹)

Gillis foi o primeiro a editar cartas de Erasmo junto ao editor Dieryck Martens, em Lovaina. Além disso, também preparou edições de obras de Poliziano (1510), Rodolphus Agricola (1511), Esopo (1513), Luciano (1518) e uma *Summa legum diversorum imperatorum* (1517) sobre as fontes do código justiniano.

Um dos testemunhos da relação de amizade que tinha com More é uma encomenda de um díptico que ele e Erasmo fizeram ao pintor flamengo Quentin Metsys

⁵ Sobre esta missão diplomática e comercial, ver Surtz, “St. Thomas More and his utopian embassy of 1515” (1953) e Hexter, “More’s visit to Antwerp in 1515”, em CW4 (esta sigla, usada nesta nota e nas subsequentes, refere-se a *The Complete Works of St. Thomas More* e ao número de seu volume, neste caso, o volume correspondente à edição da *Utopia*, que nas referências bibliográficas pode ser procurada em More, 1965). Sobre Gillis, ver o artigo de Nauwelaerts, 1967.

⁶ *doctiorne, an moratior*: sobre modos diversos de expressar a dupla qualidade de ser douto e virtuoso, ver, por exemplo, Erasmo, *De copia* 1, 34.

⁷ *fucus*: lit. designa molusco (*OLD* 1) do qual se extrai tinta, por metonímia, a tinta (*OLD* 2); esta era usada, entre outros, como cosmético, por exemplo, em apresentações teatrais. Por extensão (*OLD* 4), designa fingimento, dissimulação. Em um trecho do *Elogio da loucura* que trata da tópica da vida como teatro, Erasmo, sobre as máscaras dos atores, que promovem “enganos” (*errorem*) tais como fazer com que um homem, um rei e um deus apareçam como mulher, escravo e “homenzinho” respectivamente, escreve: “Esse próprio fingimento e essa pintura no rosto (*fingimentum et fucus*) é aquilo que prende o olhar dos espectadores” (tradução de Elaine Sartorelli em Erasmo de Rotterdam, 2013, cap. XXIX, p. 77).

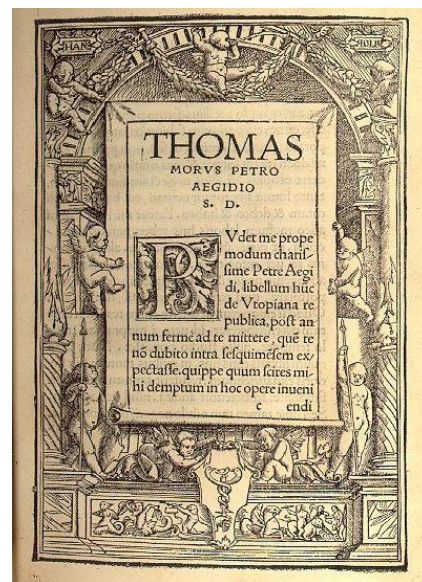
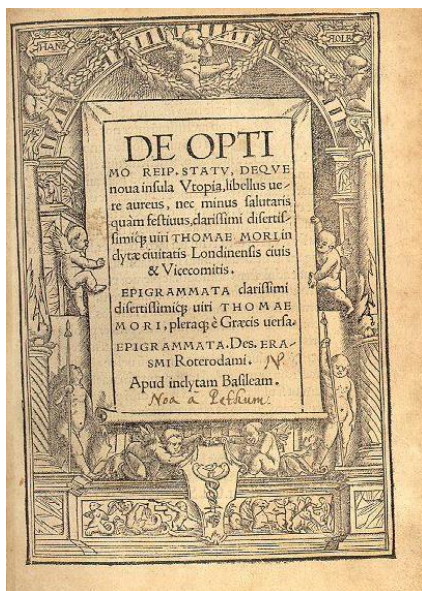
⁸ *simplicitas inest prudentior*: O comentário 48/9-10 em CW 4, p. 300, mostra que *simplicitas* e *prudentia* costumam ser parelhados, como em Mateus 10,16: *Estote ergo prudentes sicut serpentes, et simplices sicut colombarum* [“Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas”, na tradução de Frederico Lourenço a partir do texto grego (*Bíblia*, 2017)]. Para uma análise mais detalhada desses epítetos, ver Marc’Hadour, 1963 e Lourenço, 2015, p. 114-115.

⁹ Todas as traduções de trechos da *Utopia* aqui apresentadas são minhas, a partir do texto latino de CW4, organizado por E. Surtz e J. H. Hexter, que por sua vez se baseia na edição de março de 1518 (Basileia, Johann Froben) e na colação com as quatro primeiras edições (Lovaina, 1516; Paris, 1517; Basileia, março e novembro de 1518) e com as subsequentes: 1519 (Florença), 1548 (Lovaina), 1555 (Colônia), 1563 (Basileia), 1565-66 (Lovaina), 1601 (Frankfurt), 1613 (Hanover), 1629 (Colônia), 1663 (Oxford), 1672 (Helmstedt), 1777 (Londres e Paris), 1895 (Oxford), 1895 (Berlin) e 1936 (Paris).

em maio de 1517: um retrato de cada um deles seria enviado ao autor da *Utopia*. Eles ocupam posições opostas, sentados um de frente para o outro, e ambos estão circundados de livros¹⁰.

Publicada em primeira edição nas prensas de Dieryck Martens em 1516, na cidade de Lovaina, esta carta-prefácio, assim como os livros I e II da *Utopia*, serão acrescidos de anotações marginais, cuja autoria não se sabe se é exclusivamente de Erasmo ou se dela Gillis participa também.¹¹

Nesta primeira edição, ela traz o título *PRAEFATIO in opus de optimo reipublicae statu* (“Prefácio à obra sobre a melhor forma de república”), suprimido a partir da segunda edição. Na terceira e quarta edições (de março e novembro de 1518, publicadas em Basileia, por Johann Froben), suas primeiras linhas serão enquadradas com a mesma moldura que encontramos no frontispício da quarta edição, ornada com anjos-bebês (os *putti*) de autoria de Hans Holbein. A repetição da moldura dá a ela uma posição de destaque entre os demais paratextos, que não são enquadrados, e cria um ritmo tipográfico. A primeira moldura abarca todo o livro (paratextos, livros I e II), enquanto a segunda abarca a carta-prefácio e os livros I e II, criando um subconjunto dentro do conjunto, uma nova entrada em uma parte do livro, um novo começo.



À esquerda, frontispício da quarta edição; à direita, primeira página na carta-prefácio.

¹⁰ Sobre estes retratos, ver Jardine, 1993.

¹¹ Gillis, em sua carta a Busleyden informa tê-las adicionado à edição da *Utopia*, juntamente com o tetrástico e o alfabeto utopiano, sem dizer explicitamente se as teria elaborado ele mesmo; o frontispício da segunda edição, publicada em Paris, em 1517, nas prensas de Gilles de Gourmond, informa que elas são de autoria de Erasmo.

Abrams discerne os temas centrais desta carta-prefácio: o escritor/transcritor, sua relação com o texto, sua escrita, o teor da narrativa, o leitor e seus parâmetros (apud McCutcheon, 1983, p. 11, que as tratará diferentemente, separando o More-autor do More-transcritor). Sendo tratados no prefácio, tais temas seguem a noção renascentista de decoro; ficcionalizados na forma de uma encenação textual, eles tornam-se ferramenta retórica eficiente por exercitarem a imaginação com um humor sagaz e agudo.

Esta carta-prefácio, como já mostrou McCutcheon, também pode ser lida como um guia poético e hermenêutico da *Utopia*, uma *ars poetica* participando de uma estética do engano honesto que se funda no paradoxo e visa “exercitar a mente, a imaginação e o senso moral do leitor” (1983, p. 5).

Apresento aqui uma tradução desta carta-prefácio, acompanhada de notas e do texto latino. Na tradução, procuro reproduzir as figuras de repetição e as lítotes do original, já que elas encontram-se também e insistentemente ao longo dos livros I e II, imprimindo uma marca particular à prosa de More e à dos demais humanistas. Tais características estilísticas, como já hipotetizamos¹², parecem ser um modo de tomar posição contra os usos da linguagem defendidos pelos escolásticos, tal como descritos por More em sua carta a Maarten van Dorp datada de 21 de outubro de 1515.¹³

O texto latino a partir do qual traduzimos e que reproduzimos aqui se encontra no volume 4 de *Complete Works of St. Thomas More* (New Haven e Londres, Yale University Press, 1965), que por sua vez se baseia na edição de março de 1518 (impresa em Basileia por Johann Froben). Cotejamos a tradução com várias versões¹⁴, entre elas a que a própria McCutcheon propôs a partir de seu estudo sobre a carta-prefácio.

¹² Ver, por exemplo, Ribeiro, 2015a, 2015b, 2016, 2018. Estes estudos foram partes de um pós-doutorado realizado entre 2013 e 2018 no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, na área de Letras Clássicas, sobre a supervisão de Isabella Tardin Cardoso e com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (452413/2016-8, 473846/2014-4 e 150068/2013-1) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (13/24131-7), e que resultarão na publicação de uma nova tradução comentada da *Utopia*, acompanhada por todos os paratextos das quatro primeiras edições, com revisão de Paulo Sérgio de Vasconcelos.

¹³ Esta carta foi composta em Bruges, paralelamente à descrição do país utópico, durante já citada missão diplomática e comercial de More que, enviado a Flandres por Henrique VIII, lá permaneceu de 12 de maio a 24 de outubro de 1515. Sobre a datação da *Utopia* e da carta a Dorp, ver More, CW4, p. 574-576 e More, 1986 (CW15), p. xx-xxi.

¹⁴ Dentre as versões consultadas foram, além da já citada CW4, estão aquelas traduzidas por Marie Delcourt (More, 1936), Maria Isabel G. Tomás (More, s./d.), André Prévost (More, 1978), Luigi Firpo (More, 1990), Aires Nascimento (Morvs, 2006), Logan, Adams e Miller (More, 1995), Dominic Baker-Smith (More, 2012), Jefferson Camargo e Marcelo Cipolla (More, 2009), Márcio Gouvêa Junior (More, 2017) e Denise Bottmann (More, 2018). A recente tradução de Leandro D. Cardoso (More, 2016) não traz a carta-prefácio.

Carta-prefácio (1º carta de More a Gillis, 3 de setembro de 1516, publicada na 1ª edição)

DE THOMAS MORE A PIETER GILLIS, COM OS MELHORES CUMPRIMENTOS

Sinto-me quase envergonhado, meu caríssimo Pieter Gillis, por enviar-te este livrinho¹⁵ sobre a república utopiana depois de praticamente um ano¹⁶, sendo que (não duvido) tu o esperavas em um mês e meio porque sabia que, para este trabalho, aliviado da preocupação com a invenção e não precisando pensar na disposição dos assuntos, era preciso apenas repetir o que, junto contigo, ouvi contar Rafael, e por isso nem havia porque me preocupar com o modo de dizer¹⁷, já que o relato dele não podia ser elegante, tendo sido, em primeiro lugar, feito de improviso e sem preparação¹⁸, e depois, por uma pessoa, como sabes, não tão douta em latim quanto em grego¹⁹; assim, quanto mais

¹⁵ O “livrinho” (*libellus*) de More, em sua primeira edição, tem 18.000 palavras, 167 páginas e 180 x 135 mm de dimensão. O uso do diminutivo *libellus* vincula a *Utopia* a uma tradição anterior expressa em Ovídio e em Boccaccio, por exemplo. Ela colabora para a construção de uma imagem autoral ao mesmo tempo em que se vincula a uma tradição helenística. Sobre isso, ver o capítulo 5.4, “*Libellus* – diminutivo, autodepreciação e modéstia”, da tese de doutorado de Juliani, 2016. *Libellus* também é a forma com que Erasmo se refere a seu *Institutio principis Christiani* (*Opus epist.* 2, ep. 393, p. 207, l. 70).

¹⁶ Como dito algumas notas acima, More conheceu Gillis em setembro de 1515 e, em 3 de setembro de 1516, enviou a Erasmo o texto da *Utopia* com a carta-prefácio e uma nota (*Opus epist.* 2, ep. 461, p. 339, l. 1-2).

¹⁷ Quintiliano, em seu *De institutione oratoria*, discorre sobre as cinco partes da retórica: *inventio*, *dispositio*, *recitatio*, *elocutio* e *dictio* ou *actio*. Neste trecho da carta de More a Gillis, “invenção [...] disposição [...] modo de dizer” traduzem *inueniendi* [...] *dispositione* [...] *eloquendo*, operações da retórica clássica que o talento de Hitlodeu já executara com excelência, enumeradas neste trecho de Quintiliano: *Rhetorice est inueniendi recte et disponendi et eloquendi cum firma memoria et cum dignitate actionis scientia* [“A retórica é a ciência de inventar, dispor e dizer adequadamente, com boa memória e com o decoro da *actio*”] (*Inst.* 5.10.54). Humanistas como Budé retomaram esta definição da melhor forma de eloquência: *aussy prompte et ingénieuse invention, disposition aussy bien ordonnée et correspondante, éloquution aussy copieuse et condecente que chacun saurait désirer. Lesquelles choses (avec la mémoire et prononciation) sont les parties requises à vrai eloquence*. [“invenção tão ágil quanto engenhosa, disposição tanto bem ordenada quanto afim, elocução tão copiosa e conveniente quando cada um poderia desejar, coisas que (com a memória e o decoro da *actio*) são as partes requeridas pela verdadeira eloquência”] G. Budé, *De l’institution du prince. Épître dédicatoire à François I^{er}* (*apud* More, 1978, p. 342, n. 5).

¹⁸ “de improviso e sem preparação” (*subitarius, atque extemporalis*: Quintiliano assevera que “certamente o maior fruto dos estudos é [...] a faculdade de improvisar” (*maximus uero studiorum fructus est [...] ex tempore dicendi facultas*, *Inst.* 10.7.1). Em uma carta de 1517 a Warham, More escreve: a *Utopia*, mais do que ter sido por ele elaborada, escapou de suas mãos (*elapsum potius quam elaboratum*, Rogers, ep. 31, p. 87, ll. 35-36). Prévost toma como factual tal informação, atribuindo à rapidez da escrita da *Utopia* inconsistências tais como termos modificados e/ou não corrigidos em todas as ocorrências (More, 1978, p. 345, n. 1).

¹⁹ O fato de Rafael Hitlodeu saber mais grego do que latim não é anódino. Essa informação, retomada no livro I da *Utopia*, indica uma tomada de posição a favor dos “Gregos”, grupo ao qual pertenciam More e seus amigos humanistas, que se contrapunha ao dos “Troianos” (ou escolásticos) da Universidade de Oxford. Os Troianos, opositores do modo de ensinar de Erasmo (ver CW4, p. lxxxix), são alvo de troça em uma passagem da *Utopia* (CW4 158/20-29). Sobre isso, ver as cartas de More em CW15 (1986) e um contexto maior em Saladin, 2004 e Rummel, 1998.

perto minha escrita chegar da simplicidade negligente dele²⁰, mais perto estará da verdade, que é a única coisa à qual devo e devoto meu empenho. Confesso, meu caro Pieter, que, por estarem prontas, essas coisas de fato subtraíram boa parte de minhas preocupações, porque quase nada ficou por fazer; em caso contrário, imaginá-las e organizá-las poderia demandar um engenho nem ínfimo, nem completamente indouto, além de não pouco tempo, e além de aplicação. Mas, se me fosse exigido que escrevesse²¹ não somente com verdade, mas também com eloquência, para fazer isso, na verdade, não poderia dispor nem de tempo, nem de aplicação. É verdade, porém, que, suprimidas estas tarefas, que me fariam tanto suar, restaria apenas isto: escrever o que ouvi de modo simples²² – um negócio de nada²³.

Mas mesmo tratando-se de um negócio tão de nada, meus outros negócios me deixaram tempo para menos que nada praticamente. Tantas vezes²⁴ há processos forenses: conduzo alguns, defendo alguns, arbitro alguns como advogado, sentencio alguns como juiz, tantas vezes visito este por uma obrigação, aquele por um negócio, tantas vezes, fora, dedico quase todo o meu dia a alguns e o que resta, aos meus, que resta para mim, isto é, para as letras, nada²⁵. Sim, pois, quando volto para casa, tenho que confabular com a minha esposa²⁶, brincar com as crianças, conversar com os criados – todas essas coisas eu coloco na categoria dos negócios, pois são necessárias

²⁰ Quintiliano aconselha aos filósofos evitar “boa parte dos ornamentos da linguagem” (*plerique orationis ornatus*”, *Inst.* 11.1.33-34). Nascimento lembra que a tópica expressa pelo termo *neglecta simplicitas* equivale ao *scienter nescius sapienter indoctus* da regra beneditina: “quanto maior é a ciência, menos ela impressiona, mas a sua eficácia é certa” (cf. Morvs, 2006, p. 376, n. 37). Sobre o termo *neglecta simplicitas* como pista falsa, ver Ribeiro, 2015b.

²¹ “imaginá-las [...] organizá-las [...] escrevesse [...] com eloquência” traduz *excogitatio* [...] *oeconomia* [...] *ut diserte* [...] *scriberetur*, retomando em outros termos o que já foi dito a respeito da *inuentio*, *dispositio* e *eloquentia* das palavras de Hitlodeu.

²² A ideia de colocar em ordem anotações feitas em momentos diversos encontra-se de fato no processo de composição da *Utopia*, escritas em blocos que More agenciou. Sobre as etapas de composição da obra, ver “La genèse de l’oeuvre”, na introdução de Prévost em More, 1978, p. 61-72.

²³ Tópica da *confessio humilitatis*, ou seja, o autor confessa sua suposta falta de habilidade para escrever a obra.

²⁴ A repetição enfática de *dum* foi aqui livremente substituída por “tantas vezes”.

²⁵ Em uma carta de 14 de janeiro de 1517 a Erasmo, More escreve: *neque tempus ad scribendum neque animus ad cogitandum suppetit, tam assidue negociis premor* [“nem tempo para escrever, nem ânimo para pensar à meu dispor, de tanto que estou incessantemente sobrecarregado por negócios”] (*Opus epist.* 2, ep. 513, p. 430, ll. 3-4). Desde 3 de dezembro de 1514, More faz parte da sociedade *Doctors’ Commons*, que reúne advogados. Em finais de outubro, depois de um período em Bruges, no qual defende os interesses de Henrique VIII (citado no início da *Utopia*), More volta para a Inglaterra e atua como advogado dos *Mercers* (comerciantes) e membro da corte dos magistrados; em janeiro de 1516 começa a frequentar a corte a convite do rei e do Grão-Chanceler Wolsey; trabalha com ensino e administração na escola de direito Lincoln’s Inn e leciona ainda na Furnivall’s Inn; em 10 de junho de 1516 é eleito conselheiro jurídico da comissão designada para fixar os preços dos alimentos em Londres, um dos temas do livro I da *Utopia* (cf. Prévost em More, 1978, p. 346, n. 1).

²⁶ Em 1510, aos vinte e oito anos, More casara-se com Jane Colt, de dezessete anos, e com ela teve três filhas e um filho: Margaret (1505), Elizabeth (1506), Cecily (1507) e John (1509). Em 1511, viúvo, casou-se em segundas núpcias com Alice Middleton, viúva de um mercador londrino.

(e têm que ser necessárias, a não ser que queiras ser um estranho em tua casa) e é preciso dar total atenção aos teus companheiros de vida, sejam os que a natureza proveio, sejam os que o acaso produziu, sejam os que escolheste, a quem tratas com a maior amabilidade, mas sem que teu companheirismo os corrompa e a indulgência não transforme os criados em senhores²⁷. Nessas ocupações que mencionei vão-se dias, meses, anos. Logo, em que momento escreveríamos? E não disse o que quer que seja a respeito do sono, e nem tampouco da comida, que a muitos não consome menos tempo que o sono, que some com quase a metade da nossa vida²⁸. Tempo para mim, porém, eu consigo somente quando de vez em quando o furto ao sono e à comida e, como ele é pouco e porque isso já é alguma coisa, lenta e finalmente terminei a *Utopia* e a ti, meu caro Pieter, a envio para que a leia e me avise caso algo nos tenha escapado. No que me diz respeito, se não desconfio de mim (oxalá eu tivesse tanto de engenho e conhecimento quanto de memória, da qual seguramente não sou destituído), não confio, porém, com segurança para crer que nada tenha podido me escapar, pois estava conosco John Clement²⁹, meu pajem a quem, como sabes, não permito faltar a nenhuma conversa que lhe possa render algum fruto, porque espero, em algum momento, grandes colheitas desta planta que começou a verdejar nas letras latinas e gregas, e que me colocou em grande dúvida em relação a uma coisa: de acordo com aquilo de que me lembro, Hitlodeu contara que a ponte que se estende sobre o rio Anidro³⁰ em Amaurota³¹ tem quinhentos passos de comprimento, mas

²⁷ Erasmo, na carta a Hutten de 23 de julho de 1519 (*Opus epist.* 4, ep. 999, p. 14-19, l. 60-79 e 168-186) e William Roper, primeiro biógrafo de More (e cunhado), referirão a preocupação do autor do *libellus aureus* com a vida familiar, que parece obedecer aos preceitos das *Doze qualidades do amante* (*Duodecim conditiones amantis*), preceitos em versos de Pico della Mirandola, que apresenta como ideais a combinação do amor humano com o amor divino, traduzido por More como *The twelve properties or conditions of a lover* (More, 1931).

²⁸ Stapleton, um dos primeiros biógrafos de More, conta que ele dormia apenas cinco horas e levantava-se às duas horas da madrugada (em More, 2002, p. 4, n. 7). Segundo a moral estoica (e segundo os utopianos), é preciso moderar o tempo do sono e o da alimentação de forma que se tenha tempo para atividades do espírito (cf. Sêneca em suas *Cartas a Lucílio*). No epigrama 107, More dirá: *Almost half of life is sleep* ["Dormir é quase metade da vida"] (ver em CW3-II ou More, 1984), ideia referida na *Ética a Nic.* de Aristóteles (I, 13 1102b).

²⁹ John Clement (aprox. 1500-1572): o *puer meus* da *Utopia* foi pajem e professor de grego e latim na casa de More, acompanhou-o em sua viagem diplomática aos Países Baixos, aplicou-se nos estudos e mais tarde tornou-se professor de retórica no Corpus Christi College, onde se ensinava o novo currículo humanista. Fez medicina em Lovaina e Siena, devido a seus conhecimentos de cultura clássica, trabalhou com Lupset e colaborou com Aldo Manuzio na edição de Galeno em 1525. Permaneceu na Itália entre 1622 e 1525, onde se encontrou com o cardeal Reginald Pole. De volta à Inglaterra, casou-se com a filha adotiva de More, Margaret Giggs, e exerceu a medicina. Para saber mais sobre Clement, ver Merriam, 1988.

³⁰ Anidro é um rio "sem água" (ἀν + ὕδωρ). O alfa privativo e a partícula negativa, οὐ, que encontramos em ou-topia, são procedimentos usados para colocar juntas em uma só palavra ideias contraditórias. A figura retórica que expressa este procedimento estilístico é o oximoro (ὀξύς quer dizer "agudo", "penetrante"). Para Prévost, este uso não é "négativant" ["negativante"], mas sim "piquant" ["picante"] (More, 1978, p. 139).

meu caro John diz que duzentos devem ser subtraídos e que a largura do rio não contem mais do que trezentos. Eu te peço que tragas de volta este ponto à tua memória. Se com ele consentes, eu também assentirei e aceitarei meu lapso, mas se não te acordas, escreverei o que me pareça eu mesmo me recordar, pois como cuidarei ao máximo para que não haja falsidades no livro, se houver algo de ambíguo, prefiro dizer uma mentira que mentir³², porque prefiro ser honesto a ser esperto³³.

Na verdade seria fácil remediar este mal se consultasses o próprio Rafael pessoalmente ou por correspondência, o que é preciso que faças, inclusive, em relação a uma outra dificuldade que nos ocorreu, não sei se por culpa minha, ou tua, ou do próprio Rafael. Não nos veio à mente perguntar em que parte daquele mundo novo se situa Utopia³⁴. Para que esta lacuna não permanecesse, eu certamente estaria disposto a pagar moderadamente com meu dinheiro, porque me envergonho de não saber em que mar está situada a ilha que tão minuciosamente descrevi, e por haver entre nós uns e outros, um principalmente, homem devoto e teólogo de profissão³⁵, inflamado com um extraordinário desejo de visitar Utopia, não por frívola e curiosa vontade de avistar coisas novas, mas para promover e difundir nossa religião, que ali felizmente viceja. Para fazer isso convenientemente, optou primeiro por arranjar para que fosse enviado

*Note a diferença teológica entre mentiri (mentir de propósito) e mendacium dicere (dizer sem querer uma mentira)*⁴⁶

³¹ Amaurota: forma criada a partir do substantivo ἀμαυρός, “difícil de enxergar”, “obscuro”; possivelmente inspirada em uma das formas passivas do verbo ἀμαυρόω, “obscurço”. Na segunda carta a Gillis, More define Amaurota como “*urbem evanidam*” [“cidade evanescente”]. Em Homero (*Odisseia*, IV, 824), o adjetivo “indistinto, obscuro” é usado para descrever o espectro que Atena manda para Penélope. O humanista holandês Gerhard Johannes Vossius (1577-1649) a qualifica como cidade obscura, “car jusqu’à présent personne ne l’a vue et l’on ne peut la voir” [“pois até o presente momento, ninguém a viu e não se pode vê-la”] (*Opera*, 4, 341 apud More, 1978, p. 133, n. 3 – a tradução para o francês é de Prévost). A cidade de Amaurota, para Prévost, é “difficilement discernable”, “Ville-Éclipse” (ἀμαύρωμα significa eclipse), “Ville-Mirage”. Prévost enfatiza o sentido de miragem como fenômeno físico, real “*Ville-Mirage*, celle qui ne trompe pas sur la réalité de son existence mais sur la distance à laquelle elle se trouve” (em More, 1978, p. 133), desconsiderando o sentido de miragem como ilusão e a interpretação de Vossius acima citada. Vale assinalar o uso do termo “amaurose” em âmbito médico para designar cegueira total ou parcial. Nas edições de 1517 e 1518, onde se lê *in senatu Amaurotico*, lê-se, na primeira edição, *in senatu Mentirano*, o que mostra a escolha de uma palavra de derivação latina (da mesma forma, More inicialmente havia chamado sua Utopia de Nusquama), ou seja, Amauroto era Mentira, cidade da mentira.

³² Ou seja, dizer uma mentira sem querer do que mentir de propósito. Ver nota 46.

³³ Segundo Marc’hadour (1963), há aqui uma alusão a Mateus 10, 16 (trecho já citado na nota 8): *ecce ego mitto vos sicut oves in medio luporum estote ergo prudentes sicut serpentes et simplices sicut columbae* [“Eis que vos envio como ovelhas no meio dos lobos. Sede, pois, perspicazes como as serpentes e cândidos como as pombas”, na tradução de Frederico Lourenço, do grego, em *Bíblia*, 2017]. A *prudentia* equivaleria à φρόνησις, virtude que complementa a *honestas*, sobre a qual Aristóteles discorre na *Ética a Nicômaco* (VI, 8, 1141b) e na *Política* (III, 4, 7) ao tratar dos deveres e do bem comum.

³⁴ O problema da localização de Utopia é retomado na carta de Gillis a Busleyden (22/21-32).

³⁵ O jogo continua em uma carta em que Guy Morillon escreve a Erasmo (*Opus epist.* 2, ep. 532, p. 475, l. 10-14). Em uma nota na edição na reedição de 1624 da tradução de Ralph Robynson (de 1551) indica que este teólogo seria Rowland Philips, padre da paróquia de Croydon, Surrey (ver Marsh, 1957).

pelo papa e mesmo que fosse apontado bispo dos utopianos³⁶, não retardado por nenhum escrúpulo em conseguir para si, por meio de pedidos, essa dignidade pontifical, pois a considera uma santa ambição que não tem sua razão em honrarias ou ganhos, mas nasce do respeito à devoção.

*Uma santa
ambição*

Eis porque te peço, meu caro Pieter, que interpeles³⁷ Hitlodeu, esteja ele presente, se puderes fazer isso com facilidade, ou ausente (por carta) e comproves que esta minha obra não contém nenhuma falsidade ou se falta para com a verdade. Não sei se não seria melhor mostrar-lhe o próprio livro. Ninguém mais seria tão justamente capaz de corrigi-lo se algo estiver errado e ele mesmo não poderá fazer isto a não ser que leia o que foi por mim escrito. Além disso, deste modo perceberás se ele aceitará de bom grado ou se levará a mal o fato de eu ter escrito essa obra. Claro, se optar por encarregar-se de escrever com seus próprios esforços, talvez não queira que eu o faça, e nem eu

⁴⁶ Nas *Noites áticas* de Aulo Gélío (XI, 11, 1-4), lemos a distinção feita por Públio Nigídio entre *mentiri* (mentir de propósito) e *mendacium dicere* (mentir sem querer). O comentário 40/28-29 das CW4 esclarece que essa distinção não se encontra nas prescrições de ordem moral de Tomás de Aquino, Antoinus, Silvester ou Alphonsus Ligouri. Sobre a recepção de Aulo Gélío junto aos humanistas, ver Baron, 1951 e Schoeck, 1960a e 1960); sobre a cultura dos textos impressos no século XVI e a relação entre estratégias para angariar credibilidade presentes na *Utopia*, ver Ghita, 2006. McCutcheon (2015) mostra a centralidade dos termos *mendacium dire* e *mentiri* (que ela traduz por “objective falsehood” e “intentional lie”) no contexto da poética da *Utopia*, termos que More emprega também em *Debellacyon of Salem and Bizance*. Para McCutcheon, eles remetem à discussão sobre a relação entre história e verdade, ao mesmo tempo em que participam da construção ficcional de um discurso oblíquo (2015, p. 55). Prévost observa que, enquanto *mentiri* diz respeito à ordem moral, *mendacium dire* diz respeito ao estilo e é um dos meios de expressão da ironia. Ele prossegue, aproximando ironia e utopia: “C’est que l’ironie suppose une connivence entre l’écrivain et le lecteur, la convention ironique. D’entrée de jeu, l’écrivain abat ses cartes un instant; il s’empresse de les cacher à nouveau dès qu’il a annoncé son style. Le genre littéraire utopique compte bien des traits communs avec l’ironie: il demande lui aussi une connivence entre l’écrivain et le lecteur, la convention utopique. C’est cet appel à la complicité du lecteur qui vient de faire entendre More dans sa distinction entre ‘faire mensonge’ et ‘dire un mensonge’. L’*Utopie* est un immense *mendacium* à la fois dans l’affabulation du récit d’aventure, dans l’ironie et l’humour des affirmations paradoxales et dans la nature même du mythe toujours attrayant et toujours impossible à réaliser concrètement. L’art subtil de More cherche à multiplier les ‘mensonges’ sans jamais mentir. Au lecteur avisé de faire face à toutes les feintes et à tous les pièges du jeu de l’écrivain. C’est à ce caractère facétieux et gratuit en même temps qu’à sa puissance d’expression mythique que l’*Utopie* doit son charme et sa ‘poésie’.” (More, 1978, p. 349, n. 5). Em uma carta de fevereiro de 1516, More refere-se a esta distinção, escreve a Erasmo: *Si toties dicam rescripsisse, fidem fortasse mihi non es habiturus, etiam si sanctissime mentiar; presertim quum ipse me tam probe noscas et ad scribendas epistolas pigrum, neque tam superstiosamente veracem vt mendaciolum vsquequaque velut parricidium abominer.* [“Se digo que respondi por escrito muito frequentemente, talvez você não acredite quão solenemente posso mentir; especialmente porque você me conhece como uma pessoa tanto proba quanto preguiçosa para escrever epístolas e não tão supersticiosamente veraz a ponto de evitar em todas as situações uma mentirinha tanto quanto eu evitaria um assassinato”] (*Opus epist.* 2, ep. 388, p. 193, l. 2-5).

³⁶ No livro II da *Utopia* é dito que utopianos, depois de terem adquirido todos os sacramentos a não ser os que apenas um padre poderia colocar em prática, discutiram sobre a possibilidade de um deles ser eleito sacerdote e adquirir o caráter sacerdotal sem necessidade da presença de um bispo. O sacerdócio universal, discutido por Wycliff, Jan Huss e um dos temas do Conselho de Constança (1414-1418), é uma das questões muito presentes nos debates religiosos do século XVI (ver More, 1978, p. 350, n. 4).

³⁷ Em sua segunda carta a Gillis, More dirá ter recebido de Portugal notícias de Hitlodeu. Sobre o local onde o marinheiro estaria residindo, Gillis faz conjecturas em sua carta a Busleyden.

certamente gostaria de roubar dele a flor³⁸ e a graça da novidade de sua história tornando pública a república dos utopianos.

Mas, para dizer a verdade, eu mesmo ainda não sei muito bem se ela será de fato publicada, porquanto são tão variados os gostos dos mortais, tão difíceis de contentar o caráter de alguns, tão desagradáveis os espíritos, tão absurdos os juízos que aqueles que, alegres e contentes, são indulgentes com seu estro parecem ser não pouco mais felizes do que quem se atormenta com preocupações para publicar algo que possa ser útil e prazeroso para outros, desdenhosos e ingratos.

Tantos ignoram o conhecimento; muitos o menosprezam. Os bárbaros rejeitam como sendo árduo o que quer que não seja completamente bárbaro³⁹; os sabichões desprezam como sendo trivial o que quer que não abunde em palavras obsoletas⁴⁰; há a quem só agrade o que é antigo, e à maioria, apenas o que é seu. Este é tão severo que não admite brincadeiras; aquele, tão insulso que não suporta o sal. Alguns são tão narizes-chatos que temem qualquer nariz, assim como teme a água toda pessoa mordida por um cão raivoso. Outros são volúveis a tal ponto que aprovam uma coisa sentados e outra coisa em pé⁴¹. Estes se sentam nas tavernas e, entre copos, julgam o engenho dos escritores e, com grande autoridade e a seu bel-prazer, como se os puxassem pelos cabelos, condenam cada um de seus escritos enquanto eles próprios ficam seguros, ἔξω βέλους (“fora da mira”)⁴², como se costuma dizer, porque são tão lisos e raspados por toda parte que não têm nenhum fio de homem honesto por onde possam ser apanhados⁴³. Há ainda quem seja tão ingrato que, mesmo

*Juízos ingratos
dos homens*

*Chama de
“narizes
chatos” os
homens sem
nariz⁴⁷*

Provérbio

³⁸ Expressão semelhante é empregada por Budé em sua carta (CW4 12/23-28).

³⁹ A Loucura erasmiana ri “do fato de que se consideram precisamente tanto mais teólogos quanto de forma mais bárbara e rude falam, quando balbuciam de tal modo que não podem ser entendidos por ninguém, a não ser que o outro balbucie como eles; chamam ‘agudeza’ àquilo que o vulgo não consegue compreender” (tradução de Elaine Sartorelli, Erasmo de Rotterdam, 2013, p. 134). Em defesa da cultura, Froben publica em 1520 *Antibarbari*, de Erasmo, em quatro volumes, dos quais apenas o primeiro sobreviveu ao tempo.

⁴⁰ Sobre a imitação de um suposto estilo antigo entre autores italianos, ver o adágio 29 de Erasmo (*Cecidis & Buphonorum*, “Coisas de Cecida e Bufônio”, 3329. IV, IV, 29).

⁴¹ *mobiles alij sunt, ut aliud sedentes probent, aliud stantes*: variação de um provérbio que indica inconstância, *Aliud stans aliud sedens loquitur* [“diz uma coisa quando está sentado e outra quando está de pé”] (cf. Robertson, 1824, p. 558, verbete *Inconstant*). Para exemplos na literatura antiga (*Invectiva contra Cícero*) e em Erasmo, ver CW4 C 44/8). Nascimento elenca os temas evocados nesta passagem: “o jogo da verdade e da ficção (*veri e falsi* – o verdadeiro e o falso sem conotação moral, por não haver intenção de engano), o respeito pela propriedade literária (que, com a identidade promovida pela folha de rosto no livro impresso e com a visibilidade que com isso se obtém, torna-se possível fazer objeto de reivindicação consistente e evitar falsificações e plágios – *praeripere*), o esmero na dicção (contra barbarismos e solecismos), a aceitação moderada do arcaísmo (*obsoletis... uetera*), o culto da graça e da ironia (*sales*), o exercício da crítica (*nasum*).” (Morvs, 2006, p. 384-385, n. 51)

⁴² No adágio 293, *Extra telorum jactum* (“Fora da linha de tiro”, 293. I, III, 93), Erasmo explica esta expressão. Nascimento a traduz como “fora do alvo” (Morvs, 2006, p. 385, n. 52)

⁴³ *leues & abrasi* (“lisos e raspados”): para não serem presas fáceis, os lutadores combatiam nus, untados e raspados; esta imagem é frequente no âmbito cristão, podendo indicar tanto o modo como o fiel deveria lutar contra os espíritos malignos quanto renúncia aos bens terrenos (cf. CW4 C 44/13 e More, 1990, p. 55, n. 22).

deleitando-se ao extremo com a obra, nem por isso ame mais o autor; não são dessemelhantes aos convidados sem educação que recebidos generosamente com um suntuoso banquete, lá se fartando voltam ao lar sem terem agradecido àqueles que o convidaram. Vai, agora, prepara às tuas expensas um banquete para esses homens de tão delicado paladar, tão variados gostos e, além do mais, de espírito tão inclinado a lembrar e a agradecer!

*Admirável
comparação*

De toda forma, meu caro Pieter, faça como disse em relação a Hitlodeu; depois disso, será conveniente deliberar novamente sobre essas coisas. Mas se o livro estiver de acordo com a vontade dele, como o trabalho da escrita está terminado e agora está tarde para ser sábio⁴⁴, quanto ao que resta editar, seguirei o conselho dos amigos e, em primeiro lugar, o teu. Adeus, dulcíssimo Pieter Gillis e tua excelente esposa⁴⁵. Ama-me como de costume, pois eu o amo ainda mais que costume.

FIM

Carta-prefácio (1º carta de Morus a Gillis, 3 de setembro de 1516, publicada na 1ª edição)

THOMAS MORUS PETRO AEGIDIO S. D.

PVdet me propemodum charissime Petre Aegidi libellum hunc, de Vtopiana republica, post annum ferme ad te mittere, quem te non dubito intra sesquimenssem expectasse. quippe quum scires mihi

⁴⁷ *Nasus* refere-se ao nariz, à inteligência arguta, à expressão do desprezo (cf. *OLD*) e da ira (cf. *CW4 C 44/7*). Sobre More, Pace escreve: “Habet & nasum, quum uult, etiam inter nasutissimos, quem tam artificiose etiam detrahit, ut eo detracto, nullum faciei desit lineamentum” [“Também tem nariz, quando quer, mesmo entre os mais narigudos, e tão habilmente o esconde que, uma vez escondido, nenhum traço permanece em seu rosto”] (*Fruct.*, p. 82 apud *CW4 C 4/7*). Numa carta de More a Richard Croke, vemos: “Non est, mi Croke, quod meum nasum velut elephantis promuscidem reformides” [“Não deves esquivar-te do meu nariz, Croke, por ser como uma tromba de elefante”] (*Corresp.*, p. 163, ll. 18-20 – ver a entrada Rogers, 1947).

⁴⁴ Cf. o adágio erasmiano *Sero sapiunt Phryges* (“Os frígios tornam-se sábios tarde demais”, 28. I, I, 28).

⁴⁵ Em agosto de 1514, Gillis casara-se com Cornelia Sandria. Erasmo lhe havia prometido um escrito para celebrar esse acontecimento, mas, em uma carta 15 de outubro de 1514 (*Opus epist.* 2, ep. 312, p. 35, l. 86-88), desculpava-se por não tê-lo terminado, nem publicado, porque seu criado o havia esquecido em Lovaina. O *Epithalamium Petri Aegidii* foi publicado com os *Colloquia* na edição de setembro de 1524 (em Basiléia, por Froben). O nascimento da segunda criança de Gillis e Sandria, apadrinhada por Cuthbert Tunstall, é motivo de uma carta que Erasmo envia ao amigo em 20 de janeiro de 1517 (*Opus epist.* 2, ep. 516, p. 433).

demptum in hoc opere inueniendi laborem, neque de dispositione quicquam fuisse cogitandum, cui tantum erant ea recitanda, quae tecum una pariter audiui narrantem Raphaelem. quare nec erat quod in eloquendo laboraretur, quando nec illius sermo potuit exquisitus esse, quum esset primum subitarius, atque extemporalis, deinde hominis, ut scis, non perinde Latine docti quam Graece, & mea oratio quanto accederet propius ad illius neglectam simplicitatem, tanto futura sit propior ueritati, cui hac in re soli curam & debeo & habeo. Fateor mi Petre, mihi adeo multum laboris hijs rebus paratis detractum, ut pene nihil fuerit relictum. alioquin huius rei uel excogitatio, uel oeconomia, potuisset, ab ingenio neque infimo, neque prorsus indocto postulare, tum temporis nonnihil, tum studij. quod si exigeretur, ut diserte etiam res, non tantum uere scriberetur, id uero a me praestari, nullo tempore, nullo studio potuisset. Nunc uero quum ablatis curis hijs, in quibus tantum fuit sudoris exhauriendum, restiterit tantum hoc, uti sic simpliciter scriberentur audita, nihil erat negocij. sed huic tamen tam nihilo negocij peragendo, caetera negocia mea minus fere quam nihil temporis reliquerunt. Dum causas forenseis assidue alias ago, alias audio, alias arbiter finio, alias iudex dirimo, dum hic officij causa uisitur, ille negocij, dum foris totum ferme diem alijs impartior, reliquum meis, relinquo mihi, hoc est literis, nihil. Nempe reuerso domum, cum uxore fabulandum est, garriendum cum liberis, colloquendum cum ministris. quae ego omnia inter negocia numero, quando fieri necesse est (necesse est autem, nisi uelis esse domi tuae peregrinus) & danda omnino opera est, ut quos uitae tuae comites, aut natura prouidit, aut fecit casus, aut ipse delegisti, hijs ut te quam iucundissimum compares, modo ut ne comitate corrompas, aut indulgentia ex ministris dominos reddas. Inter haec quae dixi elabitur dies, mensis, annus. Quando ergo scribimus? nec interim de somno quicquam sum loquutus, ut nec de cibo quidem, qui multis non minus absumit temporis, quam somnus ipse, qui uitae adsumit ferme dimidium. At mihi hoc solum temporis adquiro quod somno ciboque suffuror, quod quoniam parcum est, lente, quia tamen aliquid, aliquando perfeci, atque ad te mi Petre transmisi Vtopiam ut legeres, & si quid effugisset nos, uti tu admoneres. Quanquam enim non hac parte penitus diffido mihi (qui utinam sic ingenio atque doctrina aliquid essem, ut memoria non usquequaque destituor) non usqueadeo tamen confido, ut credam nihil mihi potuisse excidere. Nam & Ioannes Clemens puer meus, qui adfuit ut scis una, ut quem a nullo patior sermone abesse in quo aliquid esse fructus potest, quoniam ab hac herba qua & latinis literis & Graecis coepit euirescere, egregiam aliquando frugem spero, in magnam me coniecit dubitationem. siquidem quum, quantum ego recordor, Hythlodaeus narrauerit Amauroticum illum pontem, quo fluuius Anydrus insternitur,

quingentos habere passus in longum, Ioannes meus ait detrahendos esse ducentos, latitudinem fluminis haud supra trecentos ibi continere. Ego te rogo rem ut reuoces in memoriam. Nam si tu cum illo sentis, ego quoque adsentiar & me lapsum credam, sin ipse non recolis, scribam ut feci quod ipse recordari uideor mihi, nam ut maxime curabo, ne quid sit in libro falsi, ita si quid sit in ambiguo, potius mendacium dicam, quam mentiar, quod malim bonus esse quam prudens. Quanquam facile fuerit huic mederi morbo, si ex Raphaele ipso, aut praesens scisciteris, aut per literas, quod necesse est facias, uel ob alium scrupulum, qui nobis incidit nescio mea ne culpa magis, an tua, an Raphaelis ipsius. Nam neque nobis in mentem uenit quaerere, neque illi dicere, qua in parte noui illius orbis Vtopia sita sit. Quod non fuisse praetermissum sic, uellem profecto mediocri pecunia mea redemptum, uel quod subpudet me nescire, quo in mari sit insula de qua tam multa recenseam, uel quod sunt apud nos unus & alter, sed unus maxime, uir pius & professione Theologus, qui miro flagrat desyderio adeundae Vtopiae, non inani & curiosa libidine collustrandi noua, sed uti religionem nostram, feliciter ibi coeptam, foueat atque adaugeat. Quod quo faciat rite, decreuit ante curare ut mittatur a Pontifice, atque adeo ut creetur Vtopiensibus Episcopus, nihil eo scrupulo retardatus, quod hoc antistitium sit illi precibus impetrandum. Quippe sanctum ducit ambitum, quem non honoris aut quaestus ratio, sed pietatis respectus pepererit. Quamobrem te oro mi Petre uti aut praesens, si potes commode, aut absens per epistolam, compelles Hythlodaeum, atque efficias, ne quicquam huic operi meo, aut insit falsi, aut ueri desyderetur. Atque haud scio an praestet ipsum ei librum ostendi. Nam neque alius aequae sufficit, si quid est erratum corrigere, neque is ipse aliter hoc praestare potest, quam si quae sunt a me scripta perlegerit. Ad haec: fiet ut hoc pacto intelligas, accipiatne libenter, an grauatim ferat, hoc operis a me conscribi. Nempe si suos labores decreuit ipse mandare literis, nolit fortasse me: neque ego certe uelim, Vtopiensium per me uulgata republica, florem illi gratiamque nouitatis historiae suae praeripere. Quanquam ut uere dicam, nec ipse mecum satis adhuc constitui, an sim omnino aediturus. Etenim tam uaria sunt palata mortalium, tam morosa quorundam ingenia, tam ingrati animi, tam absurda iudicia, ut cum hijs haud paulo felicius agi uideatur, qui iucundi atque hilares genio indulgent suo, quam qui semet macerant curis, ut aedant aliquid quod alijs, aut fastidientibus, aut ingratis, uel utilitati possit esse, uel uoluptati. Plurimi literas nesciunt: multi contemnunt. Barbarus ut durum reijcit, quicquid non est plane barbarum, Scioli aspernantur ut triuiale, quicquid obsoletis uerbis non scatet. quibusdam solum placent uetera, plerisque tantum sua. Hic tam tetricus est, ut non admittat iocos, hic tam insulsus, ut non ferat sales.

*Nota
Theologicam
differentiam
inter mentiri &
mendacium
dicere*

*Sanctus
ambitus*

*Ingrata
hominum
iudicia*

tam simi quidam sunt, ut nasum omnem uelut aquam ab rabido morsus cane, reformident. adeo mobiles alij sunt, ut aliud sedentes probent, aliud stantes. Hi sedent in tabernis, & inter pocula de scriptorum iudicant ingenijs, magnaue cum autoritate condemnant utcunque lubitum est, suis quenque scriptis, ueluti capillicio uellicantes, ipsi interim tuti & quod dici solet, ἔξω βέλους. quippe tam leues & abrasi undique, ut ne pilum quidem habeant boni uiri, quo possint apprehendi. Sunt praeterea quidam tam ingrati, ut quum impense delectentur opere: nihilo tamen magis ament autorem. non absimiles inhumanis hospitibus, qui quum opiparo conuiuio prolixè sint excepti, saturi demum discedunt domum, nullis habitis gratijs ei, a quo sunt inuitati. I nunc & hominibus tam delicati palati: tam uarij gustus: animi praeterea tam memoris & grati, tuis impensis epulum instrue. Sed tamen mi Petre tu illud age quod dixi cum Hythlodæo. postea tamen integrum erit hac de re consultare denuo. Quanquam si id ipsius uoluntate fiat: quandoquidem scribendi labore defunctus: nunc sero sapio: quod reliquum est de aedendo: sequar amicorum consilium: atque in primis tuum. Vale dulcissime Petre Aegidi: cum optima coniuge: ac me ut soles ama: quando ego te amo etiam plus quam soleo.

*Simos, uocat
homines nullo
naso*

Prouerbium

Mira collatio

FINIS

Referências

- ALLEN, Percy Stanford (ed.). *Opus epistolarum*, 12 v. London: University of Oxford, 1906-1958.
- BARON, Hans. Aulus Gellius in the Renaissance and a manuscript from the School of Guarino. *Studies in Philology*, 48, 1951, p. 107-125.
- Bíblia*, v. I, *Novo Testamento. Os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2016.
- BORE, Isabelle. Thomas More et l'utilisation du paradoxe comme discours de la méthode. *Revue LISA/LISA e-journal*, vol. XII, n. 5, 2014.
- CHAUCER, Geoffrey. *Contos da Cantuária*. Tradução do inglês médio para o inglês moderno, introdução e notas de Nevill Coghill. Tradução do inglês moderno e notas de José Francisco Botelho. Ensaio de Harold Bloom. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.
- ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. Tradução de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Hedra, 2013.

- GHITA, Lucian. "I Would Rather Be Honest Than Wise". Fictional protocols and authorial credibility in Thomas More's *Utopia*. *Prose studies*, 28, 2, p. 113-129, 2006.
- GILMAN, Donald. The reality of paradox: fantasy, rhetoric, and Thomas More's *Utopia*. In: *Acta Conventus Neo-Latini Upsaliensis*, v. I. Leiden/Boston: Brill, 2012, p. 405-414.
- HEXTER, J. H. *More's Utopia. The Biography of an Idea*. New York: Princeton University Press, 1952.
- JARDINE, Lisa. *Man of Letters: The Construction of Charisma in Print*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1993.
- JULIANI, Talita J. *Vestígios de Ovídio em Sobre as mulheres famosas (De mulieribus claris, 1361-1362) de Giovanni Boccaccio*. Tese de doutorado. Unicamp, 2016.
- LOURENÇO, Frederico. *O livro aberto. Leituras da Bíblia*. Lisboa: Cotovia, 2015.
- MARC'HADOUR, G. Symbolisme de la colombe et du serpent, *Moreana*, 1, 1963, p. 47-63.
- MARSCH, T. N. The first bishop of Utopia: an attempt at investigation. *Notes and Queries*, 202, Jan., 1957.
- McCUTCHEON, Elizabeth. *The ars poetica and hermeneutics for More's Utopia*. Angers: Moreana, 1983.
- McCUTCHEON, Elizabeth. Mendacium dicere and mentiri – A Utopian crux. *Moreana*, vol. 52, n. 201-202, décembre 2015, p. 51-63.
- MERRIAM, Thomas John Clement, his identity and his Marshfoot House in Essex. *Moreana*, XXV, 97, 1988, p. 145-152.
- MORE, Thomas. *The English works of Saint Thomas More*. With introduction and philological notes by A. W. Reed. London, Eyre and Spottiswoode; New York, L. MacVeagh, The Dial Press, 1931.
- MORE, Thomas. *L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. Texte latin édité par Marie Delcourt avec des notes explicatives et critiques. Paris: Droz, 1936.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução e prefácio de Maria Isabel Gonçalves Tomás. s./c.: Publicações Europa-América, s./d.
- MORE, Thomas. *The Complete Works of St. Thomas More*. Vol. 4. *Utopia*. Edited by Edward Surtz, S. J. and J. H. Hexter. New Haven/London: Yale University Press, 1965.
- MORE, Thomas. *Utopia* [1516]. A Scholar Press Facsimile. Leeds, England: The scholar press limited, 1966.
- MORE, Thomas. *L'Utopie*. Présentation, texte original, apparat critique, exegèse, traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978.
- MORE, Thomas. *The Complete Works of St. Thomas More*. Vol. 3, part II: *English poems*. Edited by Clarence H. Miller, Leicester Bradner and Charles A. Lynch. New Haven/London: Yale University Press, 1984.
- MORE, Thomas. *The Complete Works of St. Thomas More*. Vol. 15: Letter to Martin Dorp, Letter to the University of Oxford, Letter to Edward Lee, Letter to a Monk with a new text and translation of *Historia Richardi Tertii*. Edited by Daniel Kinney. New Haven/London: Yale University Press, 1986.
- MORE, Thomas. *Utopia (1516)*. A cura di Luigi Firpo. Napoli: Guida, 1990.

- MORE, Thomas. *Utopia*. Latin text and English translation. Edited by George M. Logan, Robert M. Adams and Clarence H. Miller. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Organização G.M. Logan e R.M. Adams. Tradução Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla. Edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Translated, edited and introduced by Dominic Baker-Smith. London: Penguin, 2012.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Edição bilíngue. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Revisão da tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Tradução de Denise Bottmann. Introdução de Dominic Baker-Smith. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. Sobre a melhor condição de uma república e sobre a nova ilha *Utopia*. Tradução de Leandro Dorval Cardoso. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MORVS, Thomas. *Vtopia ou A melhor forma de governo*. Estudo introdutório à *Utopia moriana* por José V. de Pina Martins. Edição fac-similada: Basileia, Ioannes Froben, Novembro, 1518. Edição crítica, tradução e notas de comentário por Aires A. Nascimento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- NAUWELAERTS, M. A. Un ami anversois de More et d'Érasme: Petrus Aegidius. *Moreana*, n. 15-16, nov. 1967, p. 83-96.
- Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. Traduzindo os recursos sonoros do livro I da *Utopia* para o português do Brasil. *Cadernos de Tradução*, v. 35, 2015a, p. 211-235.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. A música da prosa. Traduzindo os recursos sonoro-semânticos da *Utopia*, de Thomas Morus (livro II). *Revista Crítica Histórica*, v. 12, 2015b, p. 1-22.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. Utopia: Brazilian Translations in Context. *Utopian Studies*, v. 27, n. 2, 2016, p. 270-299.
- RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “Tradução poética da *Utopia* de Thomas More”. In: Muller, Fernanda (Org.). *500 anos Orlando Furioso e o Renascimento Traduzido no Brasil*: Ceará: Substância, 2018, p. 111-123.
- ROBERTSON, William. *Dictionary of Latin phrases*. London: A.J. Valpy for Baldwin, Cradock and Joy, 1824.
- ROGERS, Elizabeth F. *The correspondence of Sir Thomas More*. Princeton: Princeton University Press, 1947.
- RUMMEL, Erika. *The humanistic-scholastic debate in the Renaissance and Reformation*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.
- SALADIN, Jean-Christophe. *La bataille du grec à la Renaissance*. 2^e tirage revu et corrigé. Paris: Belles Lettres, 2004.
- SCHOECK, R. J. More's Attic Nights: Sir Thomas More's use of Aulus Gellius' *Noctes atticae*. *Renaissance news*, 13, 1960a, p. 127-129.
- SCHOECK, R. J. Aulus Gellius: a post-praefatio. *Noctes atticae*. *Renaissance news*, 13, 1960b, p. 232-233.

SURTZ, Edward. St. Thomas More and his utopian embassy of 1515. *The Catholic Historical Review*, 39, 3, oct. 1953, p. 272-297.

SYLVESTER, R. S. “*Si Hythlodæo credimus*”: Vision and revision in Thomas More’s *Utopia*. *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, v. 51, n. 3, 1968, p. 272-289.

WILSON, Nigel G. The name Hythlodæus. *Moreana*, 29, 1992.